

Ministério da Agricultura,
Pecuária e Abastecimento

Documentos

ISSN 0103 - 0205
Novembro, 2003

121

**Súmula da Reunião para Discussão da
Proposta de P&D&I com Algodão para a
Região Sudoeste da Bahia: Levantamento
e Priorização de Demandas Tecnológicas**



Embrapa

República Federativa do Brasil

Luiz Inácio Lula da Silva
Presidente

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Roberto Rodrigues
Ministro

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

Conselho de Administração

José Amauri Dimázio
Presidente

Clayton Campanhola
Vice-Presidente

Dietrich Gerhard Quast
Alexandre Kalil Pires
Sérgio Fausto
Urbano Campos Ribeiral
Membros

Diretoria Executiva da Embrapa

Clayton Campanhola
Diretor-Presidente

Gustavo Kauark Chianca
Herbert Cavalcante de Lima
Mariza Marilena Tanajura Luz Barbosa
Diretores Executivos

Embrapa Algodão

Robério Ferreira dos Santos
Chefe Geral

Luiz Paulo de Carvalho
Chefe Adjunto de Pesquisa e Desenvolvimento

Maria Auxiliadora Lemos Barros
Chefe Adjunto de Administração

Ramiro Manoel Pinto Gomes Pereira
Chefe Adjunto de Comunicação, Negócio e Apoio



ISSN 0103-0205
Novembro, 2003

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Centro Nacional de Pesquisa de Algodão

Documentos 121

**Súmula da Reunião para Discussão da Proposta de
P&D&I com Algodão, para a Região Sudoeste do
Estado da Bahia: Levantamento e Priorização de
Demandas Tecnológicas**

Napoleão Esberard de Macedo Beltrão

Campina Grande, PB
2003

Exemplares desta publicação podem ser solicitados à:

Embrapa Algodão

Rua Osvaldo Cruz, 1143 – Centenário
Caixa Postal 174
CEP 58107-720 - Campina Grande, PB
Telefone: (83) 315-4300
Fax: (83) 315-4367
algodao@cnpa.embrapa.br
<http://www.cnpa.embrapa.br>

Comitê de Publicações

Presidente: Luiz Paulo de Carvalho
Secretária: Nívia Marta Soares Gomes
Membros: Demóstenes Marcos Pedrosa de Azevedo
José Wellington dos Santos
Lúcia Helena Avelino Araújo
Márcia Barreto de Medeiros Nóbrega
Maria Auxiliadora Lemos Barros
Maria José da Silva e Luz
Napoleão Esberard de Macêdo Beltrão
Rosa Maria Mendes Freire
Supervisor Editorial: Nívia Marta Soares Gomes
Revisão de Texto: Napoleão Esberard de Macedo Beltrão
Tratamento das ilustrações: Geraldo Fernandes de Sousa Filho
Fotos da capa: Raimundo Estrela Sobrinho
Editoração Eletrônica: Geraldo Fernandes de Sousa Filho

1ª Edição

1ª impressão (2003): 1.000 exemplares

Todos os direitos reservados

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

EMBRAPA ALGODÃO (Campina Grande, PB).

Súmula da Reunião para Discussão da Proposta de P&D&I com Algodão, para a Região Sudoeste do Estado da Bahia: Levantamento e Priorização de Demandas Tecnológicas por Napoleão Esberard de Macedo Beltrão. Campina Grande, 2003.

15p. (Embrapa Algodão. Documentos, 121).

1. Algodão - Cultivo - Bahia - Brasil. I. Beltrão, N.E. de M. II. Título. III. Série.

CDD 633.51

© Embrapa 2003

Autores

Napoleão Esberard de Macedo Beltrão

D.Sc, Engº Agrº da Embrapa Algodão, Rua Osvaldo, 1143, Centenário,
CEP 58107-720, Campina Grande, PB.

e-mail: nbeltrao@cnpa.embrapa.br

Apresentação

A região Sudoeste da Bahia já ocupou a posição de maior região produtora de algodão da Bahia, sendo os grandes produtores predominantes na produção utilizando um nível tecnológico que se destacava na região Nordeste brasileira. O uso abusivo da grade aradora e outros fatores conjunturais e estruturais e a não utilização de várias recomendações técnicas provocaram uma grande redução da produção. A mudança da fronteira produtiva na produção de algodão para a região de cerrado brasileira, utilizando um nível tecnológico que tornou a produção nacional competitiva com a dos grandes países exportadores, também contribuiu para o deslocamento da produção de algodão na Bahia para sua região Oeste, acelerando a derrocada da produção da região Sudoeste.

O sucesso da produção de algodão na região Oeste da Bahia, que levará o estado a ser o segundo maior produtor nacional no ano agrícola 2003/2004, tem provocado uma demanda para formulação de plano de retomada da produção de algodão na região Sudoeste da Bahia. A discussão de uma proposta de P&D&I com algodão para esta região, cuja súmula este Documento apresenta, é de grande importância para este processo de retomada de produção para a região.

Robério Ferreira dos Santos
Chefe Geral da Embrapa Algodão

Sumário

Súmula da Reunião para Discussão da Proposta de P&D&I com Algodão, para a Região Sudoeste do Estado da Bahia. Levantamento e Priorização de Demandas Tecnológicas.....	11
Resumo do Evento	11
Breve Histórico sobre a Cotonicultura no Sudoeste da Bahia	12
Desenvolvimento	13
Considerações Gerais	16
Conclusões e Recomendações	16

Súmula da Reunião para Discussão da Proposta de P&D&I com Algodão, para a Região Sudoeste do Estado da Bahia: Levantamento e Priorização de Demandas Tecnológicas

Napoleão Esberard de Macedo Beltrão

Cidade: Guanambi, Bahia

DIA: 17 de junho de 2003

Participantes: Técnicos da EBDA, na região, produtores rurais e suas representações, agentes financeiros e instituições afins, pesquisadores, professores da UFBA e estudantes.

Organização: EBDA/SEAGRI, ESCOLA DE AGRONOMIA DA UFBA E EMBRAPA ALGODÃO

Municípios representados: Caetité, Bom Jesus da Lapa, Igaporã, Brumado, Paramirim, Caculé, Guanambi, Pindaí, Urandi, Palmas de Monte Alto, Malhada, Yuyu e Sebastião Laranjeiras, além de Salvador (direção da EBDA), Cruz das Almas (UFBA) e Campina Grande, PB (CNPQ).

Resumo do Evento

1. Abertura da reunião, pela direção da EBDA, Dr. Ernesto Marcos L. Ledo e pelo Prefeito de Guanambi, oportunidade em que se apresentou a pauta dos trabalhos,

2. Apresentação dos resultados de P&D referente a gestão 2002/2003 quanto às pesquisas realizadas na Estação Experimental "Gercino Coelho", da EBDA, pelo Professor da UFBA, Dr. Joelito de Oliveira Rezende.
3. Palestra sobre atualidades na cotonicultura mundial e perspectivas para os próximos cinco anos, proferida pelo pesquisador da Embrapa Algodão, Napoleão Esberard de Macedo Beltrão.
4. Levantamento das Demandas de Pesquisa e Desenvolvimento, tipos I, II e III, ou seja, tecnológicas, de transferência de tecnologias e estruturais, pelos presentes, em especial pelos pequenos, médios e grandes produtores. Neste item, o pesquisador da Embrapa Algodão, Napoleão Beltrão, funcionou como Facilitador, e sua palestra foi prestigiada com grande participação dos agricultores que debateram sobre o levantamento dos problemas que a eles requerem soluções imediatas da pesquisa.
5. Conclusões e Recomendações

Breve Histórico sobre a Cotonicultura no Sudoeste da Bahia

A cotonicultura baiana já teve, no Vale do Yuyu e nos demais municípios do Sudoeste, há pouco mais de 15 anos, a sua mais significativa área de produção de algodão herbáceo, visto terem plantados por ano mais de 180.000 hectares com esta malvaceae, e empregado mais de 200.000 pessoas diretamente no campo e no processo de beneficiamento da produção, em que a cidade de Guanambi, detinha, na época, a maior concentração de descaroçadores da América Latina, uma das quais a cada 3,0 km. A tecnologia usada em especial pelos grandes produtores, que chegaram a ter, individualmente, mais de 10.000ha plantados com algodão, era mais moderado, com uso de pulverizações aéreas e do Manejo Integrado de Pragas (MIP). Em contrapartida, houve abuso no uso da grade aradora pesada que, ao longo dos anos, promoveu compactação na maioria das áreas, levando a reduções significativas nas produtividades obtidas, além de outros fatores conjunturais e estruturais que levaram à derrocada do algodão nesta região do Estado da Bahia. Hoje, com os bons preços a nível local e internacional, vislumbra-se a volta do algodão e os produtores externaram as suas demandas que deverão ser levadas em consideração para a definição de um programa de desenvolvimento desta cultura, na referida região.

Desenvolvimento

A reunião foi aberta pelo Dr. Ernesto Ledo, Diretor da EBDA, e pelo Prefeito de Guanambi, que falaram sobre a importância do algodão para o Sudoeste do Estado da Bahia, como fonte de geração de empregos e ocupação, e também econômica, na ocasião, Guanambi foi lembrada como um dos maiores centros de beneficiamento de algodão do mundo; ressalta-se que somente no Vale do Yuyu se chegou a ter mais de 180.000 hectares cobertos com algodão herbáceo através de elevada tecnologia na produção, porém sem perder a vinculação social com a colheita, na maioria dos casos feita a mão. Logo depois, falou o Professor Joelito Rezende, que apresentou os dados parciais obtidos com a experimentação agrícola realizada com algodão na Estação Experimental “Gercino Coelho” da EBDA, localizada em Palmas de Monte Alto, que salientou os principais problemas detectados em uma reunião no ano passado na sede da EBDA, quando foram levantadas algumas demandas, destacando-se a importância da compactação dos solos e da deficiência nutricional (desequilíbrios) para serem estudadas, além da verificação de novas cultivares de algodão herbáceo, em especial as mais modernas, com elevada percentagem de fibra e maior capacidade de produção. Salientou o palestrante que no ano agrícola de 2002/2003, em Palmas de Monte Alto choveu apenas 420mm (4200 m3/ha) e que a produtividade do algodão foi boa, entre 100 e 180@/ha de algodão em caroço, dependendo do tratamento (preparo do solo, com e sem descompactação) e da cultivar de algodão; ressaltou, também, o quanto é significativa a rotação de culturas e que a vocação do Vale, como um todo, e da pecuária também, ligada a agricultura, como no caso do algodão. Em seguida, solicitando à palavra o atual Secretário de Agricultura do município de Guanambi, Senhor Walguimar Cotrin falou que é necessário verticalizar a cadeia do algodão na Bahia, em especial na região do Sudoeste, e em particular no Vale do Yuyu, e evidenciou, ainda, que é conveniente que se levanten os pontos de estrangulamento da cadeia e se promovam ações para solucionar os problemas existentes; depois a palavra foi facultada aos presentes e várias pessoas dela fizeram uso, destacando-se: Adalzísio Silveira: Coordenador da Empresa Estadual de Fiscalização Agropecuária, que disse que um dos maiores problemas é o não cumprimento da lei de destruição dos restos culturais do algodão no final do ciclo, dentro do prazo estabelecido pela legislação e que se deve rever o zoneamento da cultura, pois há grandes diferenças entre as diversas regiões do Estado e o prazo é único; Senhor Luiz Carlos Fernandes: ressaltou que a pesquisa é prioritária e se tem que produzir algodão que, por sua vez, deve apresentar elevada produtividade para poder, então, competir com as demais regiões do Brasil, em especial com Centro-Oeste onde a produtividade em

condições de cerrado e de sequeiro é muito alta; hoje, a maior fonte do mundo não tem condições sem irrigação; salientou ele que se deve melhorar o preparo do solo, não usar a grade aradora, fazer rotação de culturas, tentar o plantio direto, testar cultivares modernas e provenientes de todo o mundo e procurar não repetir os erros cometidos no passado através do uso generalizado de grade aradora e da compactação dos solos da região, com o consequente decréscimo da produtividade do algodão e das demais culturas plantadas na região; disse, ainda, que é necessário mentalizar que se deve arrancar as soqueiras do algodão e conhecer tudo o que se relaciona a adubação, em especial os micronutrientes, além do N P K. A fórmula usada até hoje, a 14-18-8 no plantio, 300 a 400 quilos está ultrapassada. Tem-se que estudar os efeitos dos micronutrientes, sobretudo do cobre, do zinco e do boro.

Dr. Wanderlan Guedes Ribeiro, produtor e consultor em algodão, afirmou que na Bahia se tem pelo menos três ambientes para o cultivo racional do algodão herbáceo: O cerrado, região de Barreiras; o Sudoeste, envolvendo o Vale do Yuyu e o algodão irrigado, que existe em várias localidades, em especial em Bom Jesus da Lapa, com algodão irrigado com pivô central e de elevada produtividade; salientou também que cada produtor que usa a irrigação planta em um período diferente e isto somente favorece o bicudo e as demais pragas do algodoeiro, razão por que salientou que há necessidade urgente de se mudar a legislação atual, criando períodos para cada situação no Estado, em termos de plantio de algodão, principalmente irrigado.

Dr. Gilberto Moura (Pesquisador da EBDA): chamou a atenção dos presentes em relação a este problema, enfatizando ser ele muito sério, de vez que não se cumpre a lei, ao pé-da-letra. Faz-se urgente, então, a necessidade de se testar e pesquisar o plantio direto, atendendo-se para o fato de que a cultura algodoeira, como um todo, está inserida em um contexto geral junto com a pecuária, em especial a bovina de corte.

Várias outras pessoas se manifestaram falando sobre possíveis problemas para a pesquisa (demanda do tipo I) e de outros tipos de demanda, como o caso do descumprimento da lei, de arranquio e destruição dos restos culturais do algodão até 30 de agosto de cada ano. Falou-se que um dos segredos para se conviver e levar vantagem sobre o bicudo, é não se ter algodão no campo por pelo menos 75 dias, sendo o ideal 90 dias para se reduzir ao máximo a população desta praga para o próximo ano. Outras demandas levantadas foram as seguintes:

- » Destruição dos restos culturais, sem queima e novos métodos de destruição, inclusive o químico, com o uso de herbicidas, como

glyphosate, paraquat e 2,4-D, formulações menos solúveis e com menos resíduo no ambiente.

- » Uso de novos herbicidas, em misturas e uso de promotores do crescimento à base de hormônios vegetais.
- » Nutrição de plantas: Uso de micronutrientes (Zn , B e Fe) e equilíbrio nutricional.
- » Definição para as novas cultivares das melhores épocas de plantio e sentir a sincronia disto, pois na área irrigada se planta de outubro a junho. Deve-se disciplinar o plantio para as áreas irrigadas e se ter um Calendário de Algodão irrigado no Estado da Bahia.
- » Pesquisas sobre a destruição dos restos culturais do algodoeiro, envolvendo meios mecânicos, químicos e integrados. Hoje, boa parte não destrói os restos culturais do algodão, e dos que fazem 45 % em média, usam meios mecânicos, na região oeste e cerca de 10% nesta região não destrói os restos culturais. Esta demanda foi colocada pelo Dr. Luiz Inácio.
- » Os pequenos produtores não têm acesso à mecanização de suas lavouras e faltam máquinas para se fazer a subsolagem das áreas, que já estão compactadas e representam a maioria do Vale do Yuyu; trata-se de uma demanda de terceira ordem e que deve ser levada em consideração pelos órgãos competentes do Estado. Esta demanda foi colocada pelo Sr. José Gondim, Secretário de Agricultura do município de Pindaí, BA.
- » Deficiência na comercialização do produto foi outra demanda de terceira ordem, colocada pelo Senhor Secretário de Agricultura do município de Guanambi, BA.
- » Deficiência no crédito e no seguro da safra, outra demanda de terceira ordem, que foi mencionada pelo pessoal de Guanambi, BA.
- » Estudos sobre rotação de culturas com feijão Vigna, base protéica da região, demanda do Sr. Aécio Primo, Presidente da Associação de Produtores de Algodão, hoje com apenas 32 sócios.
- » Falta de financiamento ou recursos extras para a destruição das soqueiras do algodão, demanda de um produtor.

- » Atraso no preparo do solo, pequenos produtores, devido a dificuldades com a aquisição de máquinas, mesmo para aluguel. Demanda de um produtor de Pindaíba, BA.
- » Tiveram várias outras participações relacionadas às demandas já colocadas, e um produtor, Sr. José Ramos de Paramirim, BA, disse que não esperava que os pequenos produtores tivessem vez de falar e fazer suas considerações na reunião; ele achou que a mesma foi boa e gratificante em participar, dando ênfase ao fato que as sementes devem estar nas mãos dos produtores antes do início das chuvas, para não se perder a época de plantio com base no solo molhado e dentro do calendário já definido pela pesquisa da Embrapa Algodão e pela EBDA. A época certa do plantio é de vital importância para a cultura de sequeiro no Nordeste semi-árido.
- » Problemas com as embalagens de produtos (pesticidas) que não estão sendo recolhidos pelas firmas vendedoras, conforme manda a lei em vigor
- » Deficiência na orientação dos produtores, com poucos técnicos fazendo a transferência de tecnologias. Esta demanda do tipo dois, foi colocada pelo Vereador Elder Guimarães, que elogiou o evento e disse que o algodão tem que voltar com segurança total e com tecnologia.

Considerações Gerais

Em suma, são várias as demandas que os produtores de algodão têm no tocante ao cultivo e ao mercado desta atividade na região Sudoeste do Estado da Bahia. Há evidências de que já nesta próxima safra a região do Vale do Yuyu tenha mais de 40.000 hectares plantados com algodão. É imprescindível que sejam observadas as demandas dos pequenos produtores, cuja maioria dos municípios tem muitos, com área de 2 a 5 hectares plantados por ano e necessitam melhorar seus níveis de produtividade e de qualidade em relação ao produto.

Conclusões e Recomendações

Conclui-se, enfim, que na região Sudoeste da Bahia se tem várias demandas tecnológicas e estruturais dos produtores para que a pesquisa, a extensão e os órgãos do Governo que lidam com a agricultura, promovam soluções para que haja melhoria geral desta significativa atividade para o Estado da Bahia e para os municípios produtores de algodão. As demandas devem ser priorizadas novamente e transformadas em um Programa de Desenvolvimento, englobando todos os segmentos, desde a pesquisa até a legislação sobre o arranquio e destruição dos restos culturais das lavouras além das demandas estruturais, como a comercialização e o seguro agrícola.

Embrapa

Algodão



Ministério da Agricultura,
Pecuária e Abastecimento

